

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

SINOPSE

Leve e divertido, o livro mostra a passagem de um dia na fazenda, desde o amanhecer até a chegada da noite, e apresenta o diálogo entre o Sol e os bichos. O astro-rei vai fazendo algumas perguntas singelas aos animais, que respondem, cada um a seu modo, emitindo seus sons naturais. O Sol chega ao poente e se recolhe, gerando a noite e o fim da história. Utilizando cores intensas, formas simples e geométricas, rimas e onomatopeias, Bia Villela constrói uma narrativa atraente para o pequeno leitor, estimulando sua leitura e sua criatividade.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci na cidade de São Paulo, junto com o meu irmão gêmeo, Fábio. Ele foi meu maior companheiro durante toda a infância. Passávamos as férias na fazenda, onde ajudávamos a cuidar dos bezerros e a dar comida para as galinhas, brincávamos na lama e fugíamos de vaca brava. As aventuras eram muitas, e a diversão também. Cresci e me formei em Veterinária na Universidade de São Paulo. Continuei perto das vacas e vivi, portanto, novas aventuras. Quando me casei, meu maior companheiro passou a ser o Roberto. Depois me formei em Design Gráfico, nos Estados Unidos. Foi então que comecei a desenhar, brincar com imagens e letras e os bichos se transformaram em aventuras da imaginação. Com meus filhos Rodrigo e Gustavo, eu gosto mesmo é de jogar bola, andar de patins e conversar. Terminamos as aventuras do dia com um bom livro antes de dormir.

FICHA TÉCNICA

Formato: 20 x 20 cm
Número de páginas: 24
Coleção: *De fio a pavio*
ISBN: 978-85-7472-906-0
Indicação: A partir de 3 anos

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o título da história e peça aos alunos que imaginem como é um dia de sol numa fazenda. Peça que compartilhem com os colegas o que imaginaram e pergunte se pensaram em bichos, cores, sons, etc. Que animais podem ser encontrados em uma fazenda? Que sons ouvimos neste local? Quem já esteve em uma fazenda? Deixe que os alunos falem livremente sobre o que viram e ouviram no campo.
2. Sugira aos alunos que folheiem o livro e que observem as cores utilizadas nas ilustrações. Que efeito elas promovem? Será que têm a ver com um iluminado dia de sol? Antes de partir para a exploração do livro, leia com a turma as p. 4-5, colocando em evidência os raios de sol dando "Bom dia!". Como imaginam que será este dia de sol? Quem será a turma da fazenda? Deixe que espontaneamente lancem hipóteses.

DURANTE A LEITURA

1. É possível ler o livro para os alunos e pedir que acompanhem a leitura. Leia pausadamente e com boa entonação de voz, para evidenciar o caráter poético dos diálogos. Outra sugestão é pedir que alguns voluntários leiam os textos em voz alta.
2. Pergunte quem está conversando com quem. Quem é responsável por acordar os animais da fazenda? Como se sabe disso? Que tipo de perguntas são feitas aos bichos? Explore as características da vida dos animais (o galo madrugador, o porco que adora lama, o burro que leva carga, etc.). Que animais não estão presentes no livro e cujos hábitos as crianças conhecem? Incentive-as a falar também sobre outros animais.
3. Nos diálogos com o Sol, de que forma os bichos se manifestam? Como são os barulhos que eles fazem? Converse com a turma sobre onomatopeias, explicando que são palavras escritas que tentam reproduzir um determinado som. Que outras onomatopeias os alunos conhecem (buzina, porta batendo, carro acelerando, outros bichos, etc)? A cada página, eles poderão repetir em conjunto os sons produzidos pelos animais da fazenda e que aparecem na história.
4. Depois que o Sol se despede, o que acontece? Compare as duas últimas páginas da história às duas primeiras: que cores são predominantes? De que maneira é representada a ausência de Sol? Pergunte aos alunos quais são os sons que podemos ouvir, à noite, em uma fazenda. Saliente que, por ser um local afastado, muitos sons que não escutaríamos em meio aos ruídos da cidade passam a ser audíveis no silêncio do campo. De quais animais podem ser os sons representados nas últimas páginas? Que animais fazem barulhos à noite? Sugira a eles que reproduzam esses sons, para tentarem descobrir quais são os bichos ali presentes.

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

DEPOIS DA LEITURA

1. Cante com os alunos a música *O sítio do seu Lobato* e depois, relacione com o livro *Dia de sol na fazenda*. Que animais estão presentes na música e na obra de Bia Villela? Quais aparecem somente na música?

O sítio do seu Lobato

Seu Lobato tinha um sítio, ia, ia, ô
E no seu sítio tinha um cachorrinho, ia, ia, ô
Era au, au, au, pra cá
Era au, au, au, pra lá
Era au, au, au, pra todo lado ia, ia, ô

Seu Lobato tinha um sítio, ia, ia, ô

E no seu sítio tinha uma vaquinha, ia, ia, ô
Era mu, mu, mu pra cá
Era mu, mu, mu pra lá
Era mu, mu, mu pra todo lado ia, ia, ô

Seu Lobato tinha um sítio, ia, ia, ô

E no seu sítio tinha um gatinho, ia, ia, ô
Era miau, miau, miau, pra cá
Era miau, miau, miau, pra lá
Era miau, miau, miau, pra todo lado ia, ia, ô

Seu Lobato tinha um sítio, ia, ia, ô
E no seu sítio tinha um pintinho, ia, ia, ô
Era piu, piu, piu, pra cá
Era piu, piu, piu, pra lá
Era piu, piu, piu, pra todo lado ia, ia, ô

(Cantiga de domínio público)

2. Outra possibilidade de trabalho com onomatopeias é cantar a cantiga de roda **Lá em casa**, chamando a atenção dos alunos para a representação dos sons na escrita. Note que o tatu não tem nenhum som associado a ele. Como se canta a ausência de som?! Tatu não faz barulho algum? Que outros bichos também são silenciosos? Instigue a imaginação das crianças, brincando com sons e suas representações gráficas.

Lá em casa tem uma galinha
Lá em casa tem uma galinha
A galinha có
E os pintinhos piu (x 3)

(A cada estrofe, introduza um animal)

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

O galo: có có
O cachorro: au au
O tatu: *
O cabrito: mé
O peru: glu glu

(Cantiga de domínio público)

3. Pode-se explorar o modo como a escrita do som dos animais está disposta nas páginas. Há alguma razão para terem sido registrados assim? Chame a atenção dos alunos para a fonte, o tamanho e as cores com que os barulhos são representados, por exemplo: o “bééé” das ovelhas ecoando pela página, misturando-se ao zunido das abelhas; o miúdo piar do grupo de pintinhos afastando-se do pio solitário do pintinho que ficou para trás; o “pocotó” disposto em linhas curvas, que acompanha o burro, lembrando também o trotar dos cavalos e indicando movimento. Nesse ponto, uma sugestão é trabalhar a leitura do poema visual “Cavalos pálidos”, presente no livro *Poesia visual*, de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynski. O poema é composto de dez versos, alguns em linha reta e outros em curva, do mesmo modo que os “pocotós” de Bia Villela, sugerindo o movimento do cavalgar.

Ao mediar a leitura dos textos e o diálogo entre eles, o professor precisa diferenciá-los. *Dia de sol na fazenda* é uma apresentação da vida na fazenda por meio de diálogos em versos; “Cavalos pálidos”, por sua vez, é um poema visual, cuja disposição na página, sempre distante da convencional, é fundamental para seu significado. Na obra de Bia Villela, é a repetição da palavra “pocotó” que ganha movimento ondulado; no poema visual, não são as onomatopeias, mas versos inteiros, com diferentes vocábulos, que traçam o cavalgar dos animais, os quais partem de cima para baixo e da esquerda para a direita ao percorrer seu caminho.

4. Outra sugestão é estabelecer um diálogo com a obra *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes. Assim como no livro de Bia Villela, o poeta destaca diferentes bichos, seus comportamentos e sons. Uma semelhança interessante pode ser apontada: Vinicius de Moraes compôs o poema “O peru” e, na obra *Dia de sol na fazenda*, há igualmente uma fala e uma ilustração referentes a essa ave.

O som do peru salta aos olhos do leitor em ambos os textos, seja por abrir e fechar o poema de Vinicius, ou por aparecer com fonte, cor e tamanho diferentes na história de Villela. Observe um trecho do texto de Vinicius:

Glu! Glu! Glu!
Abram alas pro peru!
Glu! Glu! Glu!
Abram alas pro peru!
O peru foi a passeio
Pensando que era pavão
(...)

Comente o fato de que, em ambos os textos, as aves não estarem contentes com o que são – um pensava ser um pavão; outro queria ser um urubu – e imaginarem, sonharem ou

DIA DE SOL NA FAZENDA



Bia Villela

fingirem ser outro animal, proporciona um diálogo interessante entre as obras. Além disso, ambas destacam que o som emitido pelo peru não lhe permite enganar ninguém, por mais que use um disfarce (as cores do pavão) ou tente voar como urubu.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Elis Carrijo Guimarães, Gilmara Falk Ferreira Brunetto, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio